



Desafios da Encíclica *Fratelli Tutti* à Vida Consagrada

Irmã Maria da Conceição Pereira Mesquita, confhic

Depois de escutarmos a apresentação das *Chaves de leitura da Encíclica «Fratelli Tutti»*, eis que nos propomos refletir sobre os desafios que a mesma apresenta à Vida Consagrada.

A Encíclica «Fratelli Tutti» toda ela é um desafio a começar pelo seu próprio nome «Fratelli Tutti», *Todos Irmãos*. Não só Irmãos de São Francisco, de São Domingos, de Madre Teresa de Calcutá, dos nossos Fundadores, mas de todos, dos que se cruzam connosco diariamente, dos que carecem de pão, de escuta e de uma palavra amiga, dos abandonados, doentes, descartados, dos últimos (FT 2, 4, 8). *Irmãos de todos*, onde «todos encontram um lugar» (FT 190) no poliedro da vida.

Percorrendo os 287 números da Encíclica vamos sendo convidados a seguir diretrizes para a construção de uma Fraternidade Universal (FT 2, 8). Fraternidade essa, requisito da nossa própria vocação à vida de especial consagração, porque Deus Trindade é Amor.

Em todos os números, uns mais que outros, são-nos oferecidas sugestões de reflexão e exame de consciência para uma conversão pessoal. O primeiro capítulo – as *sombras dum mundo fechado* – faz-nos lembrar o estudo que as nossas congregações encetaram no início de um processo de revitalização, num esforço de reconhecerem as luzes e as sombras, para daí partirem para caminhos de abertura, atualidade e fidelidade ao seu ser e viver. Somos convidados de maneira simples a reconhecer as luzes e sombras (FT 9) da nossa vida, das nossas instituições, com humildade.

A Encíclica «Fratelli Tutti», como nos recorda o teólogo dominicano Frei Bento Domingos, na sua coluna do jornal *Público* (11.10.2020), não tem *nada de novo*, mas *tudo é novo*. Aquilo que parece sabermos em teoria é preciso torná-lo vida, na nossa vida.

Somos desafiados a viver, como Francisco, uma fraternidade de «coração sem fronteiras, capaz de superar as distâncias de proveniência, nacionalidade, cor ou religião» (FT 3) e com uma «fidelidade ao (...) Senhor (...) proporcional ao amor que nutria pelos irmãos e irmãs» (FT 3). Onde se fez «um dos últimos e procurou viver em harmonia com todos» (FT 4). «Os outros são, constitutivamente, necessários para a construção duma vida plena (FT 150), por isso, «enquanto houver uma pessoa descartada, não poderá haver a festa da fraternidade universal» (FT 110), «ninguém pode ser excluído» (FT 121), para sermos «verdadeiramente irmãos» (FT 274), porque filhos de um único Deus (FT 279). Assim, a fraternidade é aberta a todos (FT 94). Poderemos questionar-nos como vai a nossa fraternidade, como vai a nossa fidelidade. Como a de Francisco de Assis? Ou como a do Beato Carlos de Foucauld, que se sentia irmão de todos (FT 287)? Como nos refere o Santo Padre, «o facto de crer em Deus e O adorar não é garantia de viver como agrada a Deus» (FT 74). Chega mesmo a referir o paradoxo de que, «às vezes, quantos dizem não acreditar podem viver melhor a vontade divina do que os crentes» (FT 74). Temos que estar alerta, para construirmos juntos (FT 203) uma fraternidade universal com uma busca sincera do bem comum.

Apesar de sabermos que «tudo está interligado» (FT34), propomo-nos elencar alguns desafios à Vida Consagrada, não determinando o grau de importância pela sequência apresentada.

O desafio da AMABILIDADE

O Santo Padre refere a necessidade de recuperar a amabilidade. As «pessoas que o conseguem tornam-se estrelas no meio da escuridão» (FT 222, 223). «A amabilidade é uma libertação da crueldade que às vezes penetra nas relações humanas, da ansiedade que não nos deixa pensar nos outros, da urgência distraída que ignora que os outros também têm direito de ser felizes. Hoje raramente se encontram tempo e energias disponíveis para se demorar a tratar bem os demais, para dizer «com licença», «desculpe», «obrigado». Contudo, de vez em quando, verifica-se o milagre duma pessoa amável, que deixa de lado as suas preocupações e urgências para prestar atenção, oferecer um sorriso, dizer uma palavra de estímulo, possibilitar um espaço de escuta no meio de tanta indiferença. Este esforço, vivido dia a dia, é capaz de criar aquela convivência sadia que vence as incompreensões e evita os conflitos. O exercício da amabilidade

não é um pormenor insignificante nem uma atitude superficial ou burguesa. Dado que pressupõe estima e respeito, quando se torna cultura numa sociedade, transforma profundamente o estilo de vida, as relações sociais, o modo de debater e confrontar as ideias. Facilita a busca de consensos e abre caminhos onde a exasperação destrói todas as pontes» (FT 224). Refere ainda, que até na política há lugar para amar com ternura e que a «ternura é o caminho que percorreram os homens e as mulheres mais corajosos e fortes» (FT 194), pois a bondade não é fraqueza, mas verdadeira força (FT 243).

O desafio da CARIDADE

Segundo o Catecismo da Igreja Católica (n.º 1827), «o exercício de todas as virtudes é animado e inspirado pela caridade. Esta é o “vínculo da perfeição” (Cl 3, 14) e a *forma das virtudes*: articula-as e ordena-as entre si; é a fonte e o termo da sua prática cristã. A caridade assegura e purifica a nossa capacidade humana de amar e eleva-a à perfeição sobrenatural do amor divino.» Sendo assim, as restantes virtudes, sem a caridade, não cumprem estritamente os mandamentos “como Deus os compreende” (FT 91). A caridade está no centro de toda a vida social sadia e aberta (FT 181, 184-186, 190). É a caridade que nos dá um olhar transformado e nos leva a perceber a dignidade do outro (FT 187). Exige de nós um coração puro (Sl 50, 12), para ver no outro o próprio Deus.

O desafio do CUIDADO

Outro desafio apresentado pelo Papa Francisco é o do CUIDADO. Quem ama verdadeiramente, cuida (FT 17, 78, 143, 174) e, se nos amarmos uns aos outros, o cuidado torna-se um cuidado mútuo (FT 117, 181), na construção de um mundo melhor. É imperativo cuidar do mundo que nos rodeia e sustenta, cuidar de nós mesmos como um “nós” que habita a casa comum (FT 17). Cuidar da fragilidade de cada homem e mulher com a mesma atitude solidária e solícita, a mesma atitude de proximidade do bom samaritano (FT 79). Cuidar da fragilidade quer dizer força e ternura, luta e fecundidade, no meio dum modelo funcionalista e individualista que conduz inevitavelmente à “cultura do descarte” (FT 188). Devemos ter cuidado com as nossas instituições, com as nossas fraternidades, para que sejam exemplo do cuidado mútuo, dentro e fora de portas.

O desafio do DIÁLOGO

Vem-nos à memória o diálogo entre o Príncipezinho e a Raposa, de Antoine de Saint-Exupéry, em que ele refere que «a linguagem é fonte de mal-entendidos». E de facto, às vezes é, mas o verdadeiro diálogo supõe um clima de boa vontade e compreensão recíproca. Podemos buscar juntos a verdade no diálogo (FT 50, 211, 214, 271). Para isso, «precisamos de comunicar, descobrir as riquezas de cada um, valorizar aquilo que nos une e olhar as diferenças como possibilidades de crescimento no respeito por todos. Torna-se necessário um diálogo paciente e confiante, para que as pessoas, as famílias e as comunidades possam transmitir os valores da própria cultura e acolher o bem proveniente das experiências alheias» (FT 134). Assim, «aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contacto: tudo isto se resume no verbo “dialogar”» (FT 198). O diálogo entre as gerações, o diálogo perseverante e corajoso não faz notícia, mas ajuda o mundo a viver melhor (FT198, 199).

O desafio da HOSPITALIDADE

Acolher, amar a todos sem distinção é o que este desafio nos propõe. Esta hospitalidade, no entanto, deve estar repleta de pequenos gestos de cuidado mútuo (FT 181), para que o coração esteja aberto para o outro, para o diferente (FT 143) de “mim”, de “nós”. «Quando se acolhe com todo o coração a pessoa diferente, permite-se-lhe continuar a ser ela própria» (FT 134). Este acolhimento deve ser pleno de gratuidade (FT 139, 141). Dar de graça o que de graça recebemos (cf. Mt 10, 8), para que os irmãos se acolham mutuamente e cuidem uns dos outros (FT 96).

O desafio da PROXIMIDADE

Para cuidar das nossas relações fraternas devemos ser “próximos”. O Papa Francisco apresenta-nos como fonte inspiradora a parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37), provocando a nossa reflexão com as diferentes personagens, de tal modo que podemos colocar a questão: no nosso quotidiano somos “próximos” ou “sócios”?

«Ama o teu próximo como a ti mesmo» (Gl 5, 14). Somos chamados a amar a todos, sem exceção (FT 241). «Aquele que não ama o seu irmão a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê» (1 Jo 4, 20). Tornar-se próximo dos outros (FT 81) é sair de si mesmo para encontrar nos outros

um acrescento ao seu ser (FT 88). O amor ao próximo é realista e não desperdiça nada que seja necessário para uma transformação da história que beneficie a todos, até os últimos (FT 165).

A sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos (FT 12). Somos capazes de descobrir novos planetas longínquos e não vemos as necessidades do irmão e da irmã que orbitam ao nosso redor (FT 67, 68). «Fazem falta gestos físicos, expressões do rosto, silêncios, linguagem corpórea e até o perfume, o tremor das mãos, o rubor, a transpiração, porque tudo isso fala e faz parte da comunicação humana» (FT 43). Precisamos de escutar o outro (FT 48), dar-lhe lugar e fazê-lo com a marca da gratuidade, solidariedade e reciprocidade, partindo do sentido de um «nós» (FT 152). Somos «analfabetos no acompanhar, cuidar e sustentar os mais frágeis e vulneráveis das nossas comunidades e sociedades desenvolvidas. Habituaamo-nos a olhar para o outro lado, passar à margem, ignorar as situações até elas nos caírem diretamente em cima» (FT 64). Precisamos de exercitar a «cultura do encontro» (FT 216), para construir pontes e não muros, para dar esperança. A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida (FT 215). Importa cultivar a “proximidade”, uma vez que ninguém se salva sozinho.

O desafio do PERDÃO e da RECONCILIAÇÃO

O perdão é a chave que pode abrir as portas do coração à reconciliação das relações fraternas. «O perdão livre e sincero é uma grandeza que reflete a imensidão do perdão divino. Se o perdão é gratuito, então pode-se perdoar até a quem resiste ao arrependimento e é incapaz de pedir perdão» (FT 250). É o perdão que permite buscar a justiça sem ser preciso cair no círculo vicioso da vingança (FT 252).

Para haver reconciliação, ou seja, restauro de um relacionamento, usamos muitas vezes de uma correção fraterna que não o é pela sua aspereza, por não nos colocamos na pele do outro e por não medirmos o que o levou a ter tal atitude. Já no tempo de São Paulo se pedia que aquele que estava ao serviço do Senhor não devia ser conflituoso, «mas amável para com todos, ter uma boa pedagogia, ser tolerante, saber corrigir os adversários com suavidade, na esperança que Deus lhes conceda o arrependimento em ordem ao reconhecimento da verdade» (2 Tim 2, 24-25). Esquecemos, por vezes, a *suavidade*, convencidos de que só nós temos razão. Importa renunciar à mesquinhez e ao ressentimento de particularismos estéreis. Todos nós somos fracos. Neste contexto, recordamos a Beata Maria Clara do Menino Jesus, numa carta às suas irmãs: «quando virdes algum defeito em vossas irmãs, lembrai-vos, filhas, que não viveis entre anjos, mas entre criaturas que não podem ser absolutamente perfeitas. Se se enganam e têm faltas, não vos

admireis, pois todas somos fracas e mortais. Admirai-vos antes de que tendo vós defeitos ainda maiores que os de vossas irmãs, com que facilidade as julgais e censurais». É imprescindível cultivar as virtudes que promovem a reconciliação, a solidariedade e a paz (FT 243). A reconciliação reparadora ressuscitar-nos-á, fazendo perder o medo a nós mesmos e aos outros (FT 78).

O desafio da SOLIDARIEDADE

A solidariedade é um ato de bondade e de compreensão com o próximo. Este valor deriva do facto de nos sabermos responsáveis pela fragilidade dos outros na procura dum destino comum. A solidariedade manifesta-se concretamente no serviço, que pode assumir formas muito variadas de cuidar dos outros. O serviço é, «em grande parte, cuidar da fragilidade» (FT 115).

«Eu estou no meio de vós como aquele que serve» (Lc 22, 27). Servir significa cuidar dos frágeis das nossas comunidades, da nossa sociedade. Mesmo quem lidera um grupo deve ter uma liderança servidora que procura o bem do outro, na medida em que “eu sou porque tu és” (Academia Ubuntu). Assim, é de todo pertinente que o outro tenha sucesso, porque a alegria dele será a nossa também. Não se trata de deixar de ser quem é, mas esta atitude solidária promove a confiança e a resiliência perante as dificuldades, o que leva à simpatia com os demais e em vez dos muros surgem as pontes.

O desafio de estar ALERTA

Na Encíclica «Fratelli Tutti» somos desafiados a estar alerta para com alguns vírus que prejudicam a Fraternidade Universal. São eles: as *fake news*, as fofocas (FT 45); a indiferença (FT 16,73); o individualismo (FT 105); o relativismo (FT 206); o racismo explícito ou dissimulado (FT 97), entre outros. Para cada vírus requer-se a toma de vacinas apropriadas, assim queiramos recebê-las.

O desafio de EDUCAR

A educação é a melhor “vacina” contra esses vírus. É um tesouro de qualquer sociedade, o qual beneficia o bem comum mundial, a fraternidade humana.

A este respeito, Bento XVI apresenta-nos esta definição: «A educação é a aventura mais fascinante e difícil da vida. Educar – na sua etimologia latina *educere* – significa conduzir para fora

de si mesmo ao encontro da realidade, rumo a uma plenitude que faz crescer a pessoa» (Mensagem de Bento XVI para a celebração do XIV Dia Mundial da Paz 1/1/ 2012, n.º 2).

No discurso aos participantes no congresso mundial promovido pela Congregação para a Educação Católica, com o tema “Educar hoje e amanhã. Uma paixão que se renova”, o Papa Francisco diz a este respeito: «Um educador que não sabe arriscar, não serve para educar. Um pai e uma mãe que não sabem arriscar, não educam bem o filho. (...) O verdadeiro educador deve ser um mestre de risco, mas de risco razoável, é claro» (21/11/2015).

Com este desafio, o Papa Francisco convida-nos a “armar” os nossos filhos (FT 217) com as armas da ternura, da proximidade, da solidariedade, do diálogo. Ensinemos-lhes o bom combate do encontro, porque a vida não é tempo que passa, mas tempo de encontro (FT 66). Hoje, ou nos salvamos todos ou não se salva ninguém (FT 137).

Estamos todos em formação contínua e vamo-nos educando com a partilha de saberes uns dos outros e não há desculpa para não o fazer, pois como reza o ditado “aprendemos até morrer”.

Precisamos de aprender e não apenas de ensinar.

Precisamos de aprender a cultivar uma memória penitencial, capaz de assumir o passado para libertar o futuro das próprias insatisfações, confusões ou projeções (FT 226).

Há que buscar a Deus com coração sincero (FT 274), abrir-se ao outro e dar-lhe o direito de ser ele próprio e de ser diferente (FT 218).

Precisamos de aprender a viver conjuntamente em harmonia e paz, sem necessidade de sermos todos iguais (FT 100, 129).

Precisamos de viver o que queremos ensinar. Façamo-lo com o nosso testemunho. Que este seja mais uma vivência de virtudes, que de valores. Nós, consagrados, somos chamados a ir mais longe nesta caminhada de comunhão / colaboração para a Fraternidade Universal.

O desafio da ESPERANÇA

Todos estes desafios e outros que poderíamos apontar nos levam e supõem o repto da *ESPERANÇA*. O Papa Francisco em vários discursos e mensagens fala-nos dessa mesma Esperança. Diz-nos que a «vida cristã é “alegria na esperança”». «Sem proximidade e esperança a pregação é vaidade». «A Esperança cristã é uma espera ativa». «Só Cristo nos dá a esperança». Em linha de continuidade, refere o Santo Padre que «apesar das sombras densas, devemos dar voz a tantos

percursos de esperança: Deus continua a espalhar sementes de bem na humanidade» (FT 54). A esperança é ousada, sabe olhar para além das comodidades pessoais, das pequenas seguranças e compensações que reduzem o horizonte, para se abrir aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna.

Urge ter *um olhar de esperança* perante a realidade da nossa vida em fraternidade, das nossas instituições.

«Eis que farei novas todas as coisas!» (Ap 21, 5).

Começemos de novo com alegria; é urgente que avancemos antes que decline o dia (cf. São Francisco). Recomeçar no poliedro da vida onde todos encontram um lugar, onde «o todo é mais que a parte, sendo também mais do que a simples soma delas» (FT 145, 215).

Caminheemos na Esperança!